



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

PRÁTICAS DA CRÍTICA EM ESPAÇO DIGITAL: A VIDA LITERÁRIA EM UMA NOVA ESFERA PÚBLICA

Natalia Francis de Andrade (PUC – Rio)

Karl Erik Schollhammer (PUC – Rio)

Embora os estudos literários adiem a autorreflexão sobre suas articulações com o universo digital, ela é fundamental para que se diminua a assimetria entre as formas já estabelecidas da crítica e sua práxis contemporânea. Hoje, os debates em torno do literário passam não só por livros, revistas especializadas ou eventos acadêmicos, mas rearticulam-se e expandem-se em círculos virtuais dos quais participam professores, pesquisadores, jornalistas culturais e artistas. Neste momento em que as fronteiras do campo disciplinar da literatura mostram-se movediças e suas discussões mais descentralizadas do que nunca, não é coincidência que a circulação e recepção crítica do texto literário passem cada vez mais pelas redes digitais. Por características que lhes são intrínsecas, elas demonstram inclinação para sediar a multiplicidade de disputas e práticas críticas. Mas como a dinâmica entre os novos espaços e aqueles onde o pensamento sobre literatura já está aferrado (principalmente a Universidade) pode passar da disputa para o diálogo, do antagonismo para a complementariedade? Este trabalho traça breve cartografia da vida literária na web, tentando compreender em que medida ela pode ser entendida como celeiro para a crítica e propõe ferramentas teóricas para pensar a tensão entre dois sistemas de valores: o da tradição literária impressa e o da comunidade digital.

crítica contemporânea. hierarquia cultural. espaço digital. esfera pública. crítica em rede.

Ainda há muita hesitação por parte da academia em tratar dos meios digitais como lugar fecundo para a circulação de ideias, levantamento de discussões e formação de opinião. Talvez por conta do olhar nostálgico que enxerga no digital um dos arrematadores da cultura livresca, sobre a qual se sustentou, entre o final do século XVIII e a década de 80 do século XX, a centralidade, na arena política ocidental, das ciências humanas e dos estudos literários. Talvez também porque é mesmo difícil tatear e mapear um terreno em que a produção de pensamento – partindo já do princípio de que ali ela é possível – ocorre de forma mais espontânea, ou, pelo menos, não necessariamente regulada por alguma instituição. Mas principalmente porque há o

temor de que a polifonia radical e o ritmo acelerado que caracterizam a produção de discursos na internet possam contribuir para a continuidade do longo processo, iniciado há décadas, de perda de prestígio da figura do crítico literário especializado, que necessita dispor de tempo para a reflexão que a leitura literária exige.

Se a mídia da segunda metade do século XX foi acusada de reduzir o potencial de dissenso do debate literário por, na maior parte das vezes, buscar a consonância com a indústria cultural, essa acusação se transferiu para a crítica feita e propagada em rede. Nela, muitos identificam a mesma lógica da assessoria de imprensa travestida de resenha crítica, do julgamento estético comprometido com fatores extratextuais e da preferência por análises breves, que frequentemente incorrerem em reducionismos. Em outras palavras, a sensação recorrente é a de que se instaurou uma situação em que as mídias e sociedade como um todo não estariam mais dispostas a conceder à crítica o espaço que lhe é indispensável para empreender abordagens de fato problematizadoras – até porque isso iria de encontro à inclusão progressiva da literatura no rol do entretenimento. Em resposta ao apelo quase publicitário das resenhas publicadas nos jornais, os críticos de formação - aqueles que dispõem de fôlego teórico para ler as tensões não só provocadas pelo contato do leitor com o texto literário, mas dos textos literários com o seu tempo - marcaram (o)posição fincando o pé em outro lugar e mantiveram-se, em sua maioria, atuantes apenas em seu meio. Incapaz de (re)encontrar um campo para o debate público, a crítica universitária teria se acachapado intramuros, enquanto assiste, de lá, à redução do potencial de dissenso de suas intervenções.

Contudo, em contraponto a esse tipo de avaliação ressentida que acabo de descrever e com a qual tenho me deparado com frequência, o que proponho é um olhar menos polarizado, capaz de levar em consideração o deslocamento da teorização, circulação e contextualização do texto literário para o efervescente território da internet, caracterizado justamente por uma virtualidade que fez caducar a própria noção de "muros". Uma realidade que salta à vista da maioria dos pesquisadores em sua experiência diária, mas que por escapar a exames apegados a modelos já estabelecidos de crítica, fica escondida em um ponto cego para o academicismo. Para salvar-se da autotelia, portanto, a crítica contemporânea, bem como a teoria literária que se propõe a pensá-la (a metacrítica), precisam se abrir a conexões com o seu tempo e às confluências com os meios eletrônicos, redefinidores das dinâmicas socioculturais.

Participar de uma rede digital que reúna não só perfis de revistas, editoras e instituições, mas também de colegas e professores, além de artistas e críticos tornou-se vivência importante para estudiosos de literatura que queiram acompanhar em tempo real quais leituras têm repercutido entre seus pares e quais são as querelas teóricas, estéticas e políticas do momento. Enquanto a escassez de espaço físico nas universidades (em muitas delas é quase impossível encontrar uma sala vazia para reuniões extracurriculares), a dificuldade de deslocamento nas cidades, a pressa e a vontade de todos para chegar em casa por conta do cansaço, da hora e da violência são fatores que inibem o convívio nos corredores e nos cafés, uma outra faceta da vida literária encontra abrigo na vastidão da internet, onde pululam as conversas comunitárias. Para o crescimento desse circuito de discussões literárias online também concorreu a crise do modelo de mídia impressa e a redução (ou mesmo fim, em alguns casos) do espaço dedicado à cultura e literatura nos grandes jornais.

Assim, muitos teóricos, inclusive aqueles com atuante carreira universitária, estão começando a integrar uma constelação intelectual online, da qual também fazem parte escritores, artistas plásticos e visuais, editores e jornalistas. Eles constroem autorrepresentações em rede e alimentam esse ambiente social com textos, comentários e recomendações de leitura. Essa conjuntura não somente reflete como reforça a porosidade no circuito e a diluição de fronteiras que separavam com mais clareza, no passado, a universidade, a imprensa e o fazer artístico. Muitos são os ficcionistas e poetas que também exercem atividade crítica - ou até desenvolvem pesquisas formais em Letras - e que frequentam o Facebook, por exemplo. Muitos são também os professores de nível superior que além de escreverem colunas e resenhas em jornais, colaboram em revistas digitais e mantêm atualizados perfis pessoais. E, é claro, muitos dos críticos que levam adiante periódicos online estão também em sala de aula. Analisar essa convivência na *web*, já referida por estudiosos como Beatriz Resende (UFRJ), será importante para a compreensão futura do sistema intelectual brasileiro de hoje e dos próximos anos.

Os blogs de escritores e de críticos, as revistas virtuais, os sites especializados além de novas ferramentas como o *twitter* ou espaços virtuais como o *facebook*, vêm se mostrando instrumental indispensável. No *cyberspace* surge uma nova vida literária – com amizades, brigas, compadrismo ou perseguições – que configuram, hoje, novas formas de escrita, de leitura, de crítica e, sobretudo de produção e circulação literárias (RESENDE, 2010, p. 110).

Compõem ainda o conjunto dessa cena literária online, os diversos periódicos cuja matriz está no modelo impresso, mas cuja sobrevivência cultural está atrelada em grande parte à capacidade de articulação com os meios digitais. O perfil no Twitter do Jornal Rascunho (@jornalrascunho) registrava, até o último dia 31 de outubro, 8.459 seguidores e mais de 5 mil e 400 "tweets". Alimentada desde 2011, sua *timeline* acumula anúncios de lançamentos de livros, comentários sobre o recente Nobel do Bob Dylan, lembretes do prazo de inscrição para um prêmio de literatura e links para entrevistas com escritores, ensaios e resenhas. Uma das postagens avisa: "Leitores, a edição de outubro está liberada na íntegra! Leiam aqui!". O texto curto acompanha um link que direciona para o site do Rascunho, onde o leitor visualiza o fac-símile da capa e pode escolher entre "abrir versão em PDF" ou selecionar alguma entrevista, resenha, ensaio ou coluna específica, clicando sobre seu título. Apesar de se tratar de uma publicação impressa independente, que anuncia em sua página planos de assinatura dos quais depende sua viabilidade financeira, o Rascunho deve hoje sua repercussão entre especialistas também à sua circulação entre leitores virtuais, grupo do qual faço parte. Nos últimos anos, textos de Alberto Mussa, José Castello, Affonso Romano de Sant'Anna e João Cezar de Castro Rocha me chegaram no formato digital, compartilhados por amigos via Facebook ou como resultado de buscas por palavras-chave feitas no Google.

Já no site da editora Luna Parque, a Revista Grampo Canoa - que carrega, desde o nome, a marca de sua materialidade - é descrita em um jogo direto com o virtual: "*Grampo Canoa* é uma revista grampeada. Quando um número esgota, disponibilizamos gratuitamente nesta página todo o conteúdo da revista em PDF para download." Como um último exemplo, posso acrescentar um caso que acompanhei recentemente. Um colega, depois de ter publicado ensaio na Revista Serrote lamentava a sensação da discussão proposta não ter ressoado. Um mês após o lançamento da versão em papel, quando o mesmo conteúdo foi disponibilizado no site, seu celular não parava de notificar compartilhamentos, curtidas e comentários. Foi preciso dedicar um bom tempo para ler as reações, agradecer aos elogios e elaborar respostas às provocações e apontamentos, alguns feitos por poetas e escritores com quem ele nunca tinha dialogado diretamente.

Em paralelo ao gesto de reconhecer que a pesquisa e a crítica estão atravessadas pelas conexões virtuais, é importante também relativizar a tentação apocalíptica de decretar a falência da crítica e, em vez disso, notar que a universidade continua a exercer o papel de formadora de especialistas que têm como ponto de encontro o espaço da sala de aula (e suas ramificações) e que são perfeitamente capazes não só de se comunicar em linguagem terminológica entre seus pares, mas de prezar o rigor em suas análises caso se proponham a adaptar sua dicção a outras mídias. Tampouco perdeu, ainda que ela tenha sido redimensionada, sua chancela como legitimadora de discursos e de negociadora de parâmetros de análise. A academia, aliás, por extensão de sua influência, tem atuado diretamente sobre os regimes de visibilidade da literatura e dos discursos sobre ela em rede. Para que um texto teórico circule e provoque reações, ou para que uma página pessoal ou perfil de professor universitário angarie um público de leitores, seguidores e comentadores "relevantes", continuam sendo importantes o prestígio e os títulos conquistados fora dali, em antigas esferas institucionais. Assim, não causa surpresa a resistência no meio ao surgimento de fóruns possíveis para a expansão e apropriação da experiência literária e da atividade crítica em rede por grupos de indivíduos que não são reconhecidos como "seus praticantes". A proliferação e popularização em paralelo de *vlogs* e vloggers, podcasts, blogs e páginas sobre literatura mantidos por leitores não especializados, por exemplo, atestam que a distância entre círculos de especialistas e não especialistas tende a reproduzir-se no espaço digital, assim como as hierarquias entre eles.

Por isso, é preciso abrir o espectro de análise e situar as novas modalidades de interação digital entre intelectuais, críticos e público geral na esteira de uma questão muito maior que se arrasta desde o século XIX, na Europa, e que ganhou fôlego no Brasil a partir da década de 40 quando da disputa entre o "rodapé" e a "cátedra": como e onde se fala (ou se pode falar) sobre a literatura? A partir do momento em que novos espaços se revelam ou se abrem com fecundidade para multiplicações de discursos sobre literatura e cultura, de que critérios depende a pertinência de considerá-los como legitimadores de autores e obras? E, por fim, de que maneira a dinâmica entre os novos espaços e aqueles tradicionais onde o pensamento sobre literatura já está aferrado (principalmente a Universidade) pode passar da disputa para o diálogo, do antagonismo para a complementariedade?

Amostras de uma possível fluidez, de uma aliança estratégica entre esses lugares de fala surgem quando observamos que alguns já perceberam o potencial de seus espaços virtuais para sediar discussões ainda em estágio embrionário, em círculos que não existiriam fora dali. O exercício de encontrar condições e formas de estar nos dois lugares (na sala de aula e no *blog*, no livro publicado e nas revistas eletrônicas, na discussão de corredores universitários e nas discussões nas redes sociais) exige que o intelectual administre a tensão entre dois sistemas de valores: o da tradição e o da comunidade digital. E, é claro, entre duas temporalidades muito diferentes tanto de leitura quanto de elaboração discursiva, tendo em vista que a velocidade e a multiplicidade das interlocuções online impõem um ritmo de fala mais acelerado, mais provisório – logo, mais arriscado.

Tensões que podem, no entanto, ser bastante produtivas, a depender da habilidade desse intelectual para ajustar sua(s) atuação(ões) e suas dicções ao cenário cultural contemporâneo, oferecendo respostas às suas demandas. Sendo a principal delas a de adaptação a um contexto em que o maior volume de informações disponíveis no mundo não mais converge para o suporte impresso. Nesse sentido, há um cerne ético e também político na proposta de discutir sempre em conjunto o papel da crítica literária na academia, na imprensa e na internet. De pensar, enfim, sua possibilidade de intervenção social mais efetiva em tempos em que o qualificativo "elitista" vem sendo aplicado – algumas vezes injustamente, outras não - a qualquer prática crítica mais comprometida com a complexidade apresentada por seus objetos. É inevitável, então, que a perspectiva acadêmica sobre a literatura, em parte, vá se modificando, até porque os objetos contemporâneos resistem a leituras baseadas em modelos teóricos do século XX, em que o crítico-autoridade sentia a necessidade de oferecer ao público visões panorâmicas sobre a produção nacional, nomeando movimentos, e identificando afinidades estéticas entre autores para compará-los e agrupá-los.

A internet, por características intrínsecas relacionadas ao seu funcionamento e às suas formas de expressão mostra-se como o meio que mais guarda analogias com o meio literário contemporâneo, pulverizado e plural. As redes não se prestam apenas à pura transmissão de conhecimento, mas ao fomento da negociação de sentido de obras ainda em formação. Antoine Compagnon, no capítulo de introdução de *O demônio da*

Teoria, define o que ele compreende por história, teoria e crítica da literatura, diferenciando os conceitos. Sobre crítica, ele diz:

Por crítica literária compreendo um discurso sobre as obras literárias que acentua a experiência da leitura, que descreve, interpreta, avalia o sentido e o efeito que as obras exercem sobre os (bons) leitores, mas sobre leitores não necessariamente cultos nem profissionais. A crítica aprecia, julga; procede por simpatia (ou antipatia), por identificação ou projeção: seu lugar ideal é o salão, do qual a imprensa é uma metamorfose, não a universidade; sua primeira forma é a conversação (COMPAGNON, 2006, p. 22)

Quando assinala a relação entre o exercício crítico e o salão, em oposição à universidade, Compagnon chama atenção para o aspecto dialógico da crítica, para o gesto cooperativo e coletivo por trás da negociação entre os discursos, às vezes discordantes, sobre uma obra ou sobre uma questão literária. A expressão *salão literário* está muito associada à prática de encontros regulares entre homens e mulheres "eruditos", comuns principalmente na França entre os séculos XVII e XIX; reuniões que combinavam a reflexão sobre a literatura com a articulação e fortalecimento de redes sociais entre nobres, burgueses e artistas "de letras". Ao afirmar que a imprensa foi a metamorfose dessa prática, Compagnon segue privilegiando o aspecto dialógico e plurívoco da discussão sobre literatura que, com o advento dos meios de comunicação e posterior estabelecimento de uma cultura de massa, passou a se manifestar em um espaço de discussão mais ampliado.

Em *Mudança estrutural da esfera pública*, o teórico alemão Jürgen Habermas (2011) tematiza justamente a emergência, na Europa, a partir do século XVII, de um novo conceito de opinião pública, que passaria rapidamente do cenário de publicações dispersas e intercâmbios entre grupos pequenos para um grande debate aberto à sociedade inteira, em espaços como os dos jornais. É sabido que teoria de Habermas tem questionável teor teleológico - ao idealizar uma esfera pública una e imune ao domínio do poder do estado, do mercado, da mídia e ao imaginar um projeto de emancipação por meio da razão. Ainda assim, hoje, me parece útil voltarmos a alguns aspectos de sua obra como ferramenta crítica para indagarmos se estaria havendo, por meio das interações na grande rede, uma revitalização de dinâmicas que o autor descreveu como possíveis no espaço da "esfera pública literária". Ou seja: pensar na possibilidade de no espaço digital, dialógico por vocação e constituição, estarem

surgindo novos dispositivos críticos, que trazem para o intelectual uma espécie de "sobrevida" de seu potencial político na configuração do espaço social.

Entretanto, é fundamental diferenciar o tipo de polêmica literária que ocorria na época dos grandes debates, como entre Romero e Machado, Romero e Veríssimo, Haroldo e Cândido às de agora. Antes, posicionamentos contrários entre críticos "autorizados" entravam em confronto frente aos olhos de todos. Toda semana, os leitores podiam esperar pelo novo capítulo de algum embate em voga e acompanhar a performance desses nomes que digladiavam em suas colunas, muitas vezes se referindo diretamente aos textos e às ideias uns dos outros – não raro em tom ofensivo. Hoje, porém, as inúmeras pequenas polêmicas que surgem entre diversos atores e a todo momento em rede, fogem completamente à lógica dicotômica. Enquanto as disputas teóricas e metodológicas do século XX tinham como palco os jornais e teses acadêmicas e configuravam enfrentamentos de caráter sempre claramente público, as discussões na internet, embora também manifestem o "*ethos* polêmico", não podem ser entendidas simplesmente como posturas públicas. Não só porque nos enunciados produzidos pelos avatares dos sujeitos em rede as noções de público e privado, de pessoal e de profissional se confundem. Mas porque até para falarmos de esfera pública no ou de "polêmica" em seus sentidos originais seria necessário imaginar uma centralidade mínima em torno de um objeto comum - e o que a grande rede abarca e encena é justamente uma profusão de intervenções pontuais, fragmentadas, típicas da contemporaneidade.

Para trazer um exemplo de como esse confronto intelectual é mais frequente, porém mais diluído e, inclusive, mais aberto à interação com leitores não profissionais, vale dar um exemplo de uso do Instagram pela crítica. A Suplemento Pernambuco criou a #pernambucoleu, com o intuito de lançar uma série de pequenas resenhas em sua conta. A lógica é a da brevidade: publica-se uma foto com a capa do livro e, na pequena coluna ao lado, o editor comenta as impressões de leitura. Na mesma semana em que foi lançado, foi mini-resenhado por Schneider Carpeggiani o novo livro de Daniel Galera, Meia-Noite e vinte. O texto terminava dizendo:

Há mais Kit Kat e iPhone do que qualquer outra coisa. Já sabemos como é estar aqui e agora em meio à tamanha confusão de paradigmas, o que precisamos é de novas formas de problematizar o que fazer com tudo isso – e clichês só parasitam a formulação de mais e melhores questões

As reações dos outros usuários da rede, leitores de Galera, foi bastante emblemática. Um deles, @mester6, respondeu: "o livro foi lançado terça feira, dia 13/09, já deu tempo ler, ruminar e escrever essa crítica tão ácida?! Não quero cair no clichê fácil de dizer que críticos são recalçados, mas, se há um autor pode ser invejado eis um exemplar!" Já a leitora @anaruche reagiu dizendo: "vou ler a crítica na íntegra! fiquei muito emocionada em ver uma avaliação finalmente crítica de um livro! e não aquela confusão que suplementos literários seriam simplesmente assessoria de imprensa de (grandes) editoras." É interessante identificar nas palavras do primeiro leitor o incômodo diante da percepção de que a tecnologia está mexendo com a temporalidade que se convencionou como necessária à crítica – mesmo incômodo que, como já foi dito, tem sido levantado no círculo dos especialistas. Já nas palavras da segunda leitora, o mais curioso é sua incompreensão de que aquelas poucas linhas que ela acabou de ler já são "a íntegra", o que é também revelador da expectativa comum de que a qualidade de uma resenha está relacionada à sua extensão. Mas o que ela elogia no texto é justamente aquilo que se tornou cada vez mais a ausente na imprensa oficial e impressa do final do século XX e início do século XXI: o *ethos* polêmico, o tom provocativo, a dissonância inerente à "conversação" de que fala Compagnon.

Não pretendo menosprezar os argumentos de quem se preocupa com a expansão das práticas digitais de escrita da crítica porque percebe nela um paradoxo: quanto mais se diversificam os participantes, se multiplicam os embates e se fragmentam as discussões, maior é o risco de cacofonia, dessas várias manifestações da crítica recaírem na invisibilidade coletiva. Ou seja: a ampliação da esfera pública promovida pelas redes digitais, por entropia, pode levar justamente ao encolhimento dessa mesma esfera. Tudo isso merece e deve ser problematizado. Contudo, volto a sublinhar que esse é um paradoxo que abarca, de modo geral, toda a organização discursiva e sociopolítica da contemporaneidade. A internet, como ferramenta e como meio, somente a deixa mais manifesta. Seus usos, entretanto, não estão prescritos e, nesse caso, por que a academia e os críticos deveriam se negar a experimentar, através dela, outras formas de intervenção? Formas que tirem proveito precisamente do que em um primeiro momento pode parecer perigoso, como a facilidade de publicação e o convite aberto à participação, à provocação e à apropriação?

Cumprе reconhecer, nesse sentido, que muitas vezes é na "margem" da internet que há hoje espaço para a crítica fazer apostas menos seguras, para reverberarem

autores iniciantes e práticas artísticas mais experimentais, quando já foi diagnosticado que o celeiro de ideias já não se encontra na imprensa oficial ou no grande circuito. Em artigo publicado na edição de setembro da Suplemento Pernambuco e intitulado "Não há lugar para poesia em Kassel", Juliana Bratfisch contrapõe a domesticação que a poesia vêm sofrendo não só em jornais, mas também em eventos e festas literárias às discussões pulsantes em espaços alternativos:

Pois é nas margens, aliás, e muito antes de um jornal ou uma revista de grande circulação publicar, resenhar e celebrar certas dicções poéticas, que se estabelecem os diálogos e trânsitos na poesia. Não é a toa que quando um jornal como a *Folha de S.Paulo* imprime em seu caderno dominical alguns poemas do cultuado *O livro das Semelhanças*, publicado pela Companhia das Letras, a poesia de Ana Martins Marques já é conhecida entre os leitores atentos, tendo sido publicada, por exemplo, na franquia online da Revista Modo de Usar. Formam-se novos leitores – ou seriam consumidores? –, mas não há risco algum, descoberta, aposta ou contribuição efetiva para o debate literário (BRATFISCH, 2016).

A observação de Bratfisch identifica o estágio histórico em que a continuação da crítica dialógica e sua possibilidade contribuição efetiva estaria em revistas eletrônicas como a Modo de Usar, enquanto nos grandes jornais outra grande disputa já teria tomado o lugar da crítica – a do mercado. A *Revista Modo de Usar*, coeditada por Ricardo Domeneck, Angélica Freitas e Marília Garcia é uma plataforma virtual muito simples, situada no domínio blogspot.com.br e que, no entanto, tem se mostrado mais do que adequada para abrigar uma produção de poemas e ensaios vasta e de qualidade. Não raro, os editores desse tipo de blogs e periódicos online redigem, quase sem querer, verdadeiros manifestos da vida literária online. Outro espaço importante de poesia, tradução e crítica que nasceu em formato de blog é o *Escamandro*, no domínio wordpress.com, coordenado por Adriano Scandolaro, Bernardo Lins Brandão e Guilherme Gontijo Flores. Em sua descrição, o *Escamandro* se define:

um blog pra 4.
(já foi pra 3, hoje é pra 5)
um blog pra quem?
começar um blog é ao mesmo tempo
entrar num movimento (nem tão) novo, talvez
no desejo de ser mais presente do presente,
e atirar no pé – desaparecer na informação da internet.
a aparição é o próprio movimento
de apagamento, talvez

(ESCAMANDRO, 2016)

Nessa espécie de poema-bio do blog, está latente a percepção de que, mesmo na internet, a poesia ainda interessa aos mesmos poucos. Mas de que ali, na internet, o signo da efemeridade e da precariedade se impõem sobre o que é dito-escrito de forma positiva, que permite ser "mais presente do presente". Aliás, o escrever em rede guarda muitas semelhanças com o dizer: ali, de fato, o ritmo de resposta de transmissão de ideias muitas vezes se aproximam aos da oralidade. Já na página da *Mallarmargens*, na seção "sobre a revista", os editores explicam que é a repercussão na rede virtual que lhe serve, antes de tudo, como parâmetro:

Editora: inexistente, por se tratar de meio digital. O formato escolhido é o do blog, uma vez que se adapta à metodologia de periódico coletivo e pode ser alimentado individualmente pelos próprios autores. Caso o projeto digital seja concretizado em via impressa, serão criadas edições de forma a publicar o conteúdo que tiver maior número de visualizações em um período ainda a ser definido pelos editores. Aceitamos a parceria de editoras interessadas (MALLARMARGENS, 2016.)

Todos esses são indícios de que, muitas vezes, a relação tem se invertido, e que a cena artística contemporânea tem eleito esse tipo de margem como centro, ao menos para uma nova geração de leitores e escritores. A fim de que a academia e a crítica institucionalizada atravessem e sejam atravessadas também por essas margens, elas podem flexionar suas estratégias de enunciação, tendência, aliás, que já vem sendo sinalizada nas últimas décadas, quando críticos como João Cezar de Castro Rocha (2015) se aventuram a publicar na imprensa textos mais curtos e que, sem abrir mão do embasamento teórico, aposta na "esquizofrenia produtiva, enquanto metáfora do intelectual que sabe dialogar com diferentes públicos". Uma das contrapartidas trazidas pela web, que pode ser capitalizada pela universidade, é precisamente ela ter tornado viável a supressão do longo intervalo temporal entre o momento da escrita e o de sua chegada, em forma de material editado, publicado e distribuído, às mãos do leitor.

Não é inédito na história o dilema da crítica que, diante de novas tecnologias da comunicação – rádio, televisão, mídias populares - , pelega para encontrar o equilíbrio de manter a sofisticação epistemológica sem se alienar no círculo fechado da "torre de marfim". Partindo do princípio de que o gesto mínimo esperado do intelectual é o de realizar pequenos atos de resistência, ao estimular reflexões complexas como antídoto

ao pensamento normatizado, fundado sobre formas de redução de complexidade, caberá questionar de que formas os meios digitais se prestam a uma nova possibilidade de pensar a "esfera pública" – e não apenas funcionar em acordo com a tendência de simplificação e diluição da produção de pensamento.

Referências

BRATFISH, Juliana. Não há lugar para poesia em Kassel, 2016. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/1674-n%C3%A3o-h%C3%A1-lugar-para-poesia-em-kassel.html>> Acesso em 15 de nov. 2016

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.

OLINTO, Heidrun Krieger.; SCHOLLHAMMER, Karl Erik . *Cenários contemporâneos da escrita*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. 223p .

RESENDE, Beatriz ; *A literatura brasileira num mundo de fluxos*, Revista Terceira Margem. Terceira Margem, v. XIV, p. 103-112, 2010.

Sites:

<<https://twitter.com/jornalrascunho>> Acesso em 15 de nov. 2016

<<http://rascunho.com.br/>> Acesso em 15 de nov. 2016

<<http://www.lunaparque.com.br/grampo-canoa>> Acesso em 15 de nov. 2016

<<http://revistamododeusar.blogspot.com.br/>> Acesso em 15 de nov. 2016

<<http://www.mallarmargens.com/>> Acesso em 15 de nov. 2016

<<http://www.revistaserrote.com.br/>> Acesso em 15 de nov. 2016

<<https://www.instagram.com/suplementope/>> Acesso em 15 de nov. 2016